



ESTRESSE OCUPACIONAL EM ENFERMEIROS QUE ATUAM EM CUIDADOS AO PACIENTE CRÍTICO

OCCUPATIONAL STRESS IN NURSES ACTING IN THE CARE OF CRITICAL PATIENTS ESTRÉS OCUPACIONAL EN ENFERMEROS QUE ACTÚAN EN CUIDADOS AL PACIENTE CRÍTICO

Angélica Maria de Oliveira Almeida¹, Ana Karine Girão Lima², Mardênia Gomes Ferreira Vasconcelos³, Adman Câmara Soares Lima⁴, Glória Yanne Martins de Oliveira⁵

RESUMO

Objetivo: identificar o nível de estresse em enfermeiros que atuam em cuidados diretos ao paciente crítico. **Método:** estudo transversal com abordagem quantitativa. A amostra foi composta por 30 enfermeiros que trabalhavam em hospital de atenção secundária de apoio à rede terciária em Fortaleza/CE, Brasil. Os dados foram coletados utilizando-se a Escala Bianchi de Stress constituída por caracterização sociodemográfica e 51 itens das atividades desempenhadas por enfermeiros. Realizou-se análise descritiva. **Resultados:** a maioria (60%) apresentou nível médio de estresse. Os domínios que obtiveram maiores pontuações foram: assistência de enfermagem (3,7), administração de pessoal (3,2) e condições de trabalho (3,2). **Conclusão:** a maioria apresentou nível médio de estresse. **Descritores:** Enfermeiros; Esgotamento Profissional; Cuidados Críticos; Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT

Objective: to identify the level of stress in nurses working in the direct care of critical patients. **Method:** cross-sectional study with quantitative approach. The sample consisted of 30 nurses working in hospital of secondary care to support the tertiary network in Fortaleza/CE, Brazil. Data were collected using the Bianchi Stress Scale which consists of sociodemographic characterization and 51 items related to activities performed by nurses. Descriptive analysis was performed. **Results:** most participants (60%) had medium stress level. The main domains with the highest scores were: nursing care (3.7), personnel management (3.2) and working conditions (3.2). **Conclusion:** most participants had medium stress level. **Descriptors:** Nurses; Professional Burnout; Critical Care; Worker's Health.

RESUMEN

Objetivo: identificar el nivel de estrés en enfermeros que actúan en cuidados directos al paciente crítico. **Método:** estudio transversal con enfoque cuantitativo. La muestra fue compuesta por 30 enfermeros que trabajaban en hospital de atención secundaria de apoyo a la red terciaria en Fortaleza/CE, Brasil. Los datos fueron recogidos usando la Escala Bianchi de Stress constituída por caracterización sociodemográfica y 51 ítems de las actividades desarrolladas por enfermeros. Se realizó un análisis descriptivo. **Resultados:** la mayoría (60%) presentó nivel medio de estrés. Los dominios que más obtuvieron mayores puntuaciones fueron: asistencia de enfermería (3,7), administración del personal (3,2) y condiciones de trabajo (3,2). **Conclusión:** la mayoría presentó nivel medio de estrés. **Descriptors:** Enfermeros; Agotamiento Profesional; Cuidados Críticos; Salud del Trabajador.

¹Enfermeira. Discente da Especialização em Terapia Intensiva. Escola de Saúde Pública do Ceará. Fortaleza (CE), Brasil. E-mail: angelica.almeidda@hotmail.com; ²Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Universidade Federal do Ceará/UFC. Fortaleza (CE), Brasil. E-mail: giraoenf@gmail.com; ³Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Universidade Estadual do Ceará/UECE. Fortaleza (CE), Brasil. E-mail: mardeniagomes@yahoo.com.br; ⁴Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem. Universidade Federal do Ceará/UFC. Fortaleza (CE), Brasil. E-mail: adminhacs@hotmail.com; ⁵Enfermeira. Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Universidade Estadual do Ceará/UECE. Fortaleza (CE), Brasil. E-mail: gloria_yanne@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As unidades de internamento de pacientes em cuidados intensivos são consideradas setores críticos do ambiente hospitalar que tem a maior quantidade de estressores do que qualquer outra unidade de internação, tornando o ambiente e o trabalho mais difícil e desgastante.¹ Os principais fatores presentes no ambiente de cuidados intensivos relacionados ao estresse na equipe são: pouco preparo para lidar com a morte e sofrimento dos familiares, frequentes situações de emergência, falta de profissionais e recursos materiais, presença de ruído constante das aparelhagens, pouco preparo em lidar com mudanças do arsenal tecnológico, responsabilidade em tomada de decisões rápidas e precisas, conflitos entre os profissionais, dentre outros.²

Os elementos citados são reconhecidos como estressores, contribuindo para o estresse ocupacional, caracterizado por padrões de respostas fisiológicas, emocionais, cognitivas e comportamentais que causam tensão e angústia nos que tem dificuldade em enfrentar os quesitos da sua ocupação. Podemos acrescentar a esses elementos, altas cargas de trabalho, rotinas aceleradas, jornadas noturnas, estrutura física com luzes artificiais, ambiente fechado, seco, refrigerado, alarmes sonoros contínuos e intermitentes.¹

O enfermeiro constantemente em suas atividades laborais é responsável por funções que envolvem outras profissões, como o gerenciamento do setor e da equipe, a educação em saúde da equipe, do paciente/cliente e da família, além da assistência direta ao paciente.³ Esse acúmulo de responsabilidades agregado aos elementos citados anteriormente pode desencadear níveis de estresse expressivos, interferindo diretamente na qualidade da assistência prestada e na própria qualidade de vida do profissional.

De acordo com o Decreto-Lei nº94406/87 que regulamenta o exercício profissional da enfermagem, é privativo do enfermeiro os cuidados diretos de enfermagem aos pacientes graves com risco de vida. Dessa forma, as atividades conferidas a esses profissionais, em especial aqueles que prestam assistência direta aos pacientes críticos, demandam bastante atenção, responsabilidade, discernimento e conhecimento técnico-científico atualizado, fatores essenciais à tomada de decisão em tempo hábil nas intervenções em situações de emergência. Além disto, estudos relatam que, pelo alto

grau de responsabilidade, muitos enfermeiros acabam por exigir de si atitudes que tendem ao limite da capacidade funcional humana.^{1,4-6}

A equipe de enfermagem no ambiente hospitalar está sujeita continuamente às fontes de pressão desencadeadora de estresse interferindo na produtividade e nas relações de trabalho. O estresse de enfermeiros que prestam cuidados críticos influencia negativamente na qualidade da assistência prestada, gerando fatores limitantes na atuação profissional, culminando em prejuízo da qualidade do cuidar.^{2,7,8}

Diferentes autores corroboram com a relação existente entre a demanda de trabalho conferida aos enfermeiros em cuidados em terapia intensiva e o estresse ocupacional, e ressaltam sobrecarga de trabalho e problemas de relações interpessoais como estressores mais evidentes entre enfermeiros que cuidam de pacientes críticos.^{9,10}

Os profissionais que trabalham em ambientes fechados, como Centros de Terapia Intensiva, estão sujeitos mais frequentemente ao esgotamento físico e emocional.⁷ Acresce-se a isso o risco da ocorrência de acidentes de trabalho e do desenvolvimento das doenças relacionadas às atividades laborais pelo desgaste excessivo do organismo.¹¹

Diante deste contexto, é relevante investigar o nível de estresse em enfermeiros que atuam em cuidados diretos ao paciente crítico em um hospital de apoio à rede terciária de assistência em saúde do Estado do Ceará. Estudos como este contribuem para melhorar na identificação das principais causas do estresse ocupacional em enfermeiros, podendo orientar no planejamento de ações que previnam esse estresse, contribuindo positivamente na qualidade da assistência em saúde prestada e na qualidade de vida dos profissionais da rede de atenção.

Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo identificar o nível de estresse em enfermeiros que atuam em cuidados diretos ao paciente crítico.

MÉTODO

Estudo transversal, com abordagem quantitativa, desenvolvido nas unidades de cuidados críticos de um hospital de atenção secundária dentro da rede pública de saúde, de Fortaleza, Ceará, Brasil. Trata-se de um hospital de apoio à rede terciária de assistência do Estado do Ceará.

A população foi composta por todos os enfermeiros que integram o quadro funcional

Almeida AMO, Lima AKG, Vasconcelos MGF et al.

das unidades pesquisadas. A amostra foi constituída pelos 30 enfermeiros que atuam em cuidados aos pacientes críticos por no mínimo seis meses.

A coleta de dados foi realizada entre dezembro de 2014 e fevereiro de 2015. Para avaliar o nível de estresse, foi aplicada a Escala Bianchi de Stress (EBS) que avalia o nível de estresse do enfermeiro no contexto hospitalar no transcorrer de suas atividades. O instrumento foi validado e tem sido utilizado em vários estudos.^{1,2-3,6,12-4} A primeira parte do questionário foi adaptada a essa pesquisa, acrescentando dados da caracterização sociodemográfica e de formação acadêmica/profissional relevantes, mantendo os itens da escala.

A EBS obteve em sua validação alfa de Cronbach 0,91 em unidades de terapia intensiva de diversos hospitais de alta complexidade nas capitais dos estados brasileiros, evidenciando confiabilidade interna.¹³ Essa escala consta de um questionário com dados de caracterização do respondente e de estressores na atuação do enfermeiro. As atividades realizadas pelo enfermeiro e/ou condições de trabalho foram categorizadas em seis domínios: A - Relacionamento com outras unidades e supervisores (nove itens: 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51), B - Atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade (seis itens: 1, 2, 3, 4, 5, 6), C - Atividades relacionadas à administração de pessoal (seis itens: 7, 8, 9, 12, 13, 14), D - Assistência de enfermagem prestada ao paciente (quinze itens: 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30), E - Coordenação das atividades da unidade (oito itens: 10, 11, 15, 31, 32, 38, 39, 47) e F - Condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro (sete itens: 33, 34, 35, 36, 37, 48,49). Essas respostas seguiram a escala tipo *Likert*, com variação de 1 a 7, sendo 1 considerado como pouco desgastante, 4 como médio e 7 como altamente desgastante, o valor 0 refere a não realização da atividade avaliada.¹²

O escore total de estresse do enfermeiro pode variar de 51 (ao assinalar como pouco desgastante para todas as atividades) a 357 (ao assinalar como altamente desgastante para todas as atividades). A partir disso, calculamos o nível de estresse através da média real que foi obtida pelo quociente do somatório dos itens pelo número de itens assinalados diferentes de zero, para não haver interferência de atividades não realizadas.

Analizamos o nível de estresse de cada domínio através do quociente do somatório

Estresse ocupacional em enfermeiros que atuam em...

dos itens de determinado domínio pelo número de participantes do estudo que assinalaram com valores de 1 a 7, com finalidade de compararmos os diferentes estressores na atuação do enfermeiro; também foi calculado o escore médio para cada estressor, permitindo-nos identificar quais os estressores mais intensos para aquela amostragem.

Os escores totais e parciais por domínio e item, após serem calculados, foram classificados em níveis de estresse, segundo as categorias: baixo nível de estresse (escore igual ou abaixo de 3,0), médio nível de estresse (entre 3,1 a 5,9) e alto nível de estresse (igual ou acima de 6,0).¹²

Os dados sociodemográficos e de formação acadêmica/profissional coletados foram: sexo, faixa etária, renda, estado civil, número de filhos, tempo de graduado, curso de pós-graduação, número de empregos e carga horária semanal total trabalhada.

Os dados foram organizados em planilha no software: *Microsoft Office Excel* para gerenciamento dos dados. Foi realizada análise descritiva para avaliar o perfil da amostra segundo as variáveis em estudo. Para as variáveis categóricas, utilizamos tabelas de frequência absoluta (N) e relativa (%). Para as variáveis contínuas, foram utilizadas medidas de posição e dispersão para indicar a variabilidade dos dados.

O estudo respeitou a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, durante todo o percurso da pesquisa, atendendo aos aspectos éticos e legais vigentes. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Saúde Pública do Ceará sob o nº 912.159/15 conforme Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº 39514714.0.0000.5037.

RESULTADOS

Acerca das características sociodemográficas, houve predominância do sexo feminino (76,7%) e grande parte pertence à faixa etária de 31 a 40 anos (60%), sendo que 83,3% tinha idade inferior a 40 anos. A média da renda mensal foi R\$4230, variando de R\$2400 a R\$10000 e desvio padrão de R\$1593. Quanto à composição familiar, 53,3% são casados ou vivem em união estável e 46,6% possuíam pelo menos um filho. Dados expressos na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos enfermeiros segundo características sociodemográficas. Fortaleza, CE, Brasil, 2015.

Variáveis	n	%
Gênero		
Masculino	7	23,3
Feminino	23	76,7
Faixa etária		
20-30	7	23,3
31-40	18	60
41-50	4	13,3
>50 anos	1	3,3
Renda		
Média: R\$4.230		
Mín: R\$2400 Máx: R\$10000		
DP: R\$1593		
Estado civil		
Solteiro	14	46,7
Casado/União Estável	16	53,3
Filhos		
Não tem filho	16	53,3
Tem filho	14	46,7

A seguir, na Tabela 2, expõem-se os dados de formação acadêmica/profissional. Com relação ao tempo de graduado, 46,7% têm de seis a 10 anos. Referiram curso de pós-graduação a nível de especialização 66,7% dos

enfermeiros, apenas 10% são mestres. Duplo vínculo empregatício esteve presente em 66,7% e 50% trabalham mais de 60 horas por semana. A média da carga horária foi de 57,02 horas de trabalho por semana.

Tabela 2. Distribuição dos enfermeiros segundo características de formação acadêmica/profissional. Fortaleza, CE, Brasil, 2015.

Variável	n	%
Tempo de graduado		
< 2 anos	0	0
2-5 anos	6	20
6-10 anos	14	46,7
>10 anos	10	33,3
Curso de pós-graduação		
Nenhum	7	23,3
Especialização	20	66,7
Mestrado	3	10
Duplo vínculo empregatício		
Não	10	33,3
Sim	20	66,7
Carga horária semanal (todos os locais)		
<40 horas	10	33,3
40-60 horas	5	16,6
>60 horas	15	50
Média: 57,02 horas semanais		

Para a avaliação do nível de estresse, foi calculada a variação do escore total da EBS, observando a variação de 59 a 242 pontos. Quanto à análise individual do nível de estresse, 36,7% obtiveram baixo nível de estresse, 60% médio nível de estresse e 3,3% alto nível de estresse. Sendo assim a maioria (63,3%) obteve médio ou alto nível de estresse. Ver Tabela 3.

A análise do nível de estresse para cada domínio permitiu identificar maior nível de estresse no subnível D (Assistência de enfermagem prestada ao paciente) com escore de 3,7, subnível C (Atividades relacionadas à administração de pessoal) com escore de 3,2 e subnível F (Condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro) com escore de 3,2.

No domínio A *Relacionamento com outras unidades*, constatou-se médio desgaste com os seguintes escores: admissão / alta de paciente (3,43), administração superior (3,37), farmácia (3,03) e manutenção (3,03).

Com relação ao domínio B *Atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade*, tem-se médio desgaste com os itens a seguir: solicitação de revisão e conserto de equipamento (3,44), levantamento de qualidade de material existente na unidade (3,335) e controle do material a ser usado (3,11).

Para o domínio C *Atividades relacionadas à administração de pessoal*, verificou-se médio desgaste as respectivas atividades: realizar a distribuição de funcionários (5,48), controlar a

Almeida AMO, Lima AKG, Vasconcelos MGF et al.

equipe de enfermagem (4,66), supervisionar as atividades da equipe (4,53), elaborar a escala mensal de funcionários (4,11), avaliar o desempenho do funcionário (3,52) e realizar treinamento (3,45).

No domínio D *Assistência de enfermagem prestada ao paciente*, averiguou-se como médio desgaste com os seguintes escores: atender aos familiares de pacientes críticos (5), atender às necessidades dos familiares (4,76), orientar familiares de paciente crítico (4,56), supervisionar o cuidado de enfermagem prestado (4,16), avaliar as condições do paciente (3,94), atender às emergências da unidade (3,89), orientar os familiares para cuidar do paciente (3,78), enfrentar a morte do paciente (3,76), admitir o paciente na unidade (3,75), prescrever o cuidado de enfermagem (3,51), orientar para alta do paciente (3,17), prestar os cuidados de enfermagem (3,13).

Quanto ao domínio E *Coordenação das atividades da unidade*, percebeu-se como médio desgaste as atividades: controlar a qualidade do cuidado (4,43), coordenar as atividades (4,4), elaborar relatório mensal da unidade (4), elaborar rotinas, normas e procedimentos (4), atualizar rotinas, normas e procedimentos (3,45), definição das funções do enfermeiro (3,33).

No que concerne ao domínio F *Condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro*, encontramos médio desgaste nas atividades: realizar atividades com tempo mínimo disponível (4,63), realizar atividades burocráticas (4,6), nível de barulho da unidade (3,66), participar de comissões na instituição (3,5), participar de reuniões do

Estresse ocupacional em enfermeiros que atuam em...

departamento de enfermagem (3,24), o ambiente físico da unidade (3,20).

A análise do escore médio de cada item permitiu identificarmos os estressores de maior intensidade que foram: realizar a distribuição de funcionários com escore de 5,48, seguido do item atender aos familiares de pacientes críticos com escore de 5, atender às necessidades dos familiares (4,76), controlar a equipe de enfermagem (4,66), orientar familiares de paciente crítico (4,56), supervisionar as atividades da equipe (4,53), controlar a qualidade do cuidado (4,43), coordenar as atividades (4,4), supervisionar o cuidado de enfermagem prestado (4,16), elaborar a escala mensal de funcionários (4,11), supervisionar o cuidado de enfermagem prestado (4,16), elaborar relatório mensal da unidade (4), elaborar rotinas, normas e procedimentos (4).

De acordo com os dados da Tabela 3, o nível de estresse pode estar relacionado com as características sociodemográficas e de formação acadêmica/profissional dos enfermeiros. Desse modo, destacam-se as seguintes variáveis que apresentaram os maiores escores da EBS: faixa etária de 20 a 30 anos (4,11), estado civil solteiro (3,71), não ter filho (3,64), duplo vínculo empregatício (3,57), carga horária semanal trabalhada de 40 a 60 horas (4,75) e não dedicam um dia na semana para o lazer (4,03).

Tabela 3. Relação entre as variáveis sociodemográficas e formação acadêmica/profissional e com o nível de estresse de enfermeiros. Fortaleza, CE, Brasil, 2015.

Variáveis	Classificação do nível de estresse			
	Média EBS	Baixo n(%)	Médio n(%)	Alto n(%)
Gênero				
Masculino	3,29	3 (10)	40	(13,3)
Feminino	3,49	8 (26,7)	14 (46,7)	1(3,3)
Faixa etária				
20-30	4,11	1(3,3)	6 (20)	0
31-40	3,42	7 (23,3)	10 (33,3)	1 (3,3)
41-50	2,47	3 (10)	1 (3,3)	0
>50 anos	3,35	0	1 (3,3)	0
Estado civil				
Solteiro	3,71	4 (13,3)	9 (30)	1(3,3)
Casado/União Estável	3,21	8 (26,7)	8 (26,7)	0
Filhos				
Não	3,64	6 (20)	9 (30)	1 (3,3)
Sim	3,22	6 (20)	8 (26,7)	0
Tempo de graduado				
2-5anos	3,36	2 (6,7)	4 (13,3)	0
6-10anos	3,85	4 (13,3)	10 (33,3)	0
>10anos	2,92	6 (20)	3 (10)	1 (3,3)
Curso de pós-graduação				
Nenhum	3,19	3 (10)	4 (13,3)	0
Especialização	3,35	9 (30)	10 (33,3)	1 (3,3)
Mestrado	4,66	0	3 (10)	0
Duplo vínculo empregatício				
Não	3,15	4 (13,3)	5 (16,7)	0
Sim	3,57	8 (26,7)	12 (40)	1 (3,3)
Carga horária				
<40h	3,20	4 (13,3)	5 (16,7)	0
40-60h	4,75	1 (3,3)	4 (13,3)	1 (3,3)
>60h	3,06	7 (23,3)	8 (26,7)	0

DISCUSSÃO

Concernente à caracterização sociodemográfica, os dados relacionados ao sexo coincidem com o perfil dos enfermeiros no Brasil relatados pela literatura, população predominantemente feminina.¹³ A enfermagem é marcada não somente pela sua composição ser em sua maioria por pessoas do sexo feminino, como também pelas atribuições específicas. Além disso, mulheres-mães com atividades profissionais de enfermagem em sua maioria aliam a dinâmica das organizações no desenvolvimento de suas atividades com o gerenciamento de suas vidas como pessoas, esposas e mães, devendo conciliar as atividades laborais com as familiares.¹⁵

Quanto à faixa etária, 83,3% tinham entre 20 e 40 anos, idade considerada de grande produtividade que favorece a abertura ao conhecimento técnico-científico. Tal fato foi semelhante ao encontrado no estudo realizado com pacientes críticos onde 90,4% dos enfermeiros estavam na faixa etária de 24 a 40 anos.⁹ Essa considerável redução de enfermeiros com mais de 40 anos possivelmente pode decorrer desses enfermeiros estarem em cargos administrativos ou outras áreas como a de ensino, pela experiência já adquirida.¹³ A

média do nível de estresse para a faixa etária de 31 a 40 anos foi escore de 3,42, semelhante ao encontrado em outra publicação¹³ em que na mesma faixa etária o escore identificado foi 3,75.

No que diz respeito à composição familiar, estudo aponta menor média do escore de estresse pela EBS (3,72) nos enfermeiros que possuem filhos em relação a média dos que não possuem filhos (3,88), embora a variável filhos não tenha apresentado relação estatisticamente significativa com os níveis de estresse.¹⁶ Atividades relacionadas à vida pessoal, como casa e filho, ao invés de estressantes, funcionam como suporte.¹⁷ Indo de encontro à consideração de que o acúmulo de atividades domésticas e educação dos filhos geram preocupações, sobrecarga física e psíquica, consequente elevado nível de estresse.¹ Conciliar questões profissionais com familiares gera estresse conforme pesquisa em hospitais do Vale do Parnaíba Paulista.¹⁸

Conforme ao que se observou, em algumas instituições hospitalares no Paraná, os enfermeiros insatisfeitos com a renda obtiveram na EBS médio nível de estresse (3,78 pontos) e os que se sentiam satisfeitos enquadraram na EBS baixo nível (2,93 pontos). Tal fato justifica que a insatisfação com a renda é um fator de risco para o desenvolvimento de estresse, influenciando os

Almeida AMO, Lima AKG, Vasconcelos MGF et al.

profissionais para com o seu trabalho.¹ A insatisfação com a renda devido aos baixos salários atribuídos à categoria pode estar relacionada aos vários vínculos empregatícios e à carga horária semanal trabalhada em excesso, pela necessidade de complementação salarial.

Carga horária excessiva de trabalho esteve presente em vários estudos com enfermeiros.^{1,3-7} A sobrecarga de trabalho, aliada a grande responsabilidade exigida, leva ao alto nível de estresse dos profissionais, pois reduz o tempo de lazer, convívio familiar e descanso. Exigência em excesso corrobora com a diminuição do rendimento profissional.¹⁹ Em consonância com outra pesquisa⁴, a carga de trabalho obteve associação forte e positiva ($r=-0,905$; $p<0,001$) com os níveis de estresse dos enfermeiros. Em dois centros de terapia intensiva em Minas Gerais foi identificada associação estatística significativa ($p=0,013$; $OR=6,17$; $IC95\%=1,27-32,10$) entre a percepção de manifestações de estresse e a carga horária semanal de trabalho superior a 60 horas.⁷ Além disso, o mesmo estudo⁷ acrescentou ainda que não foi possível determinar se a sobrecarga de trabalho é uma alternativa para o trabalhador obter uma renda familiar melhor ou uma exigência das instituições devido à carência de profissionais especializados para atender a demanda de cuidados críticos.

A média total do nível de estresse para os enfermeiros com mais de 10 anos de graduado foi menor do que a dos recém-formados (dois a cinco anos), sendo respectivamente 2,92 e 3,36. Isso possivelmente decorre em função dos enfermeiros formados a mais tempo apresentarem maior segurança técnica e domínio diante das situações que ocorrem na rotina hospitalar em unidades com pacientes críticos, não representando, portanto, situações estressantes.¹³

Os cursos de pós-graduação instrumentalizam os enfermeiros a atuarem na prestação de assistência complexa aos pacientes críticos que requerem velocidade e precisão em suas demandas. Acredita-se que esses conhecimentos possibilitam ao profissional maior preparo e controle das situações, gerando maior adaptação ao setor, funcionando como redutor do estresse.¹⁹ Porém, esse resultado não foi observado no presente estudo, pois apresentou níveis mais elevados de estresse dentre os enfermeiros com pós-graduação. Podemos agregar a isso que enfermeiros com cursos de pós-graduação ou títulos de especialista não sejam reconhecidos como o esperado, ocorrendo

Estresse ocupacional em enfermeiros que atuam em...

insatisfação com as atividades realizadas que podem estar aquém de seu preparo profissional ou, até mesmo, a maior procura pelos cursos em decorrência de sua falta de adaptação às condições de trabalho.¹³

No tocante ao escore geral de estresse apontado pelos enfermeiros investigados, obteve-se média geral de 3,45 escores, indicando médio nível de estresse, condizendo com o encontrado em estudos realizados com enfermeiros em cuidados críticos em unidades de terapia intensiva e emergência.^{1,14,20} Os domínios que obtiveram maior nível de estresse foram: assistência de enfermagem prestada ao paciente, atividades relacionadas à administração de pessoal e condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro, semelhante ao encontrado na literatura.^{1,2,13}

Estudo corrobora ao indicar os elementos estressores mais presentes na realidade dos enfermeiros assistenciais, apontando: recursos materiais e humanos inadequados, atendimento ao paciente, relações interpessoais tanto da própria equipe de trabalho como indiretamente ligados e carga emocional diante da prática do trabalho.¹⁷

A partir deste estudo foi possível reconhecer os elementos estressores para direcionar as ações a serem criadas e/ou implementadas, visando minimizar os fatores estressantes mais presentes neste contexto. Visto que a assistência ao paciente crítico já exige sobrecarga de trabalho pelas próprias especificidades requeridas, é necessário que medidas sejam tomadas para minimizar tais estressores, promovendo saúde tanto aos profissionais como aos usuários desta assistência.

CONCLUSÃO

O perfil dos enfermeiros investigados foi predominantemente do sexo feminino (76,7%), idade inferior a 40 anos (83,3%), média da renda mensal de R\$4230, casados/união estável (53,3%), possuíam filho(s) (46,6%), graduados há 6 a 10 anos, com pós-graduação (76,7%), duplo vínculo empregatício (66,7%), trabalham mais de 60 horas por semana (50%).

Os dados deste estudo apontam que o estresse entre enfermeiros que lidam com pacientes críticos não é elevado, porém 60% apresentaram nível médio de estresse. Os domínios com maior média do nível estresse foram: *Assistência de enfermagem prestada ao paciente, Atividades relacionadas à administração de pessoal e Condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro*. Já o domínio *Atividades relacionadas ao funcionamento adequado da*

Almeida AMO, Lima AKG, Vasconcelos MGF et al.

unidade obteve menor média do nível de estresse.

É possível afirmar que as características identificadas na população investigada estejam relacionadas ao desenvolvimento de estresse. Todavia, os estudos transversais viabilizam conhecermos a população em um dado momento específico, não podendo generalizar os achados aos demais enfermeiros. Assim, há necessidade de novas pesquisas para podermos compreender com maior exatidão os fatores estressantes envolvidos nos cuidados críticos, proporcionando o planejamento de estratégias que visem qualidade da assistência prestada e qualidade de vida profissional.

REFERÊNCIAS

1. Versa GLGS, Murassaki ACY, Inoue KC, Melo WA de, Faller JW, Matsuda LM. Occupational stress: evaluation of intensive care nurses who work at nighttime. *Rev Gaúcha Enferm* [Internet]. 2012 [cited 2014 Oct 12];33(2):78-85. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n2/12.pdf>
2. Monte PF, Lima FET, Neves FMO, Studart RMB, Dantas RT. Stress among professional nurses working in intensive care units. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2013 [cited 2014 Oct 12];26(5):421-7. Available from: http://www.scielo.br/pdf/ape/v26n5/en_a04v26n5.pdf
3. Pereira DS, Araújo TSSL, Gois Júnior JP, Rodriguez EOL, Santos V. Occupational stressors among nurses working in urgent and emergency care units. *Rev Gaúcha Enferm* [Internet]. 2013 [cited 2014 Oct 20];34(4):55-61. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v35n1/1983-1447-rgenf-35-01-00055.pdf>
4. Rodrigues VMCP, Ferreira ASS. Stressors in nurses working in Intensive Care Units. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 2011 July/Aug [cited 2014 Oct 20];19(4):1025-32. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n4/23.pdf>
5. Souza VR de, Silva JLL da, Lopes MR, Santos JM dos, Silva BP, Santos LCG dos. O estresse de enfermeiros atuantes no cuidado do adulto na unidade de terapia intensiva. *Rev pesqui cuid fundam* [Internet]. 2012 Jan/Mar [cited 2014 Nov 10];(ed. supl.):25-8. Available from: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1687>
6. Inoue KC, Versa GLGS, Murassaki ACY, Melo WA de, Matsuda LM. Occupational stress in intensive care nurses who provide direct care to critical patients. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2013 Sept/Oct [cited 2014 Nov 10];66(5):722-9. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n5/13.pdf>
7. Barbosa IA, Vieira MA, Bonfim MLC, Caldeira AP. Self-perception of stress in an intensive therapy nursing team. *REME rev min enferm* [Internet]. 2008 Jan/Mar [cited 2014 Nov 21];12(1):48-53. Available from: <http://reme.org.br/artigo/detalhes/237>
8. Leite MA, Vila VSC. Difficulties experienced by the patient care team at the intensive care unit. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 2005 Mar/Apr [cited 2014 Nov 21];13(2):145-50. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n2/v13n2a03.pdf>
9. Preto VA, Pedrão LJ. Stress among nurses who work at the intensive care unit. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2009 [cited 2014 Nov 21];43(4):838-45. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n4/en_a15v43n4.pdf
10. Rocha MCP da, Martino MMF de. Stress and sleep quality of nurses working different hospital shifts. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2010 [cited 2014 Nov 21];44(2):279-85. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n2/en_06.pdf
11. Inoue KC, Matsuda LM. Sizing the nursing staff in an Intensive Care Unit for Adults. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2010 [cited 2014 Dec 02];23(3):379-84. Available from: http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n3/en_v23n3a11.pdf
12. Bianchi ERF. Bianchi stress questionnaire. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2009 [cited 2014 Nov 21];43(spe):1054-61. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43nspe/en_a09v43ns.pdf
13. Guerrer FJL, Bianchi ERF. Characterization of stress in intensive care unit nurse. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2008 [cited 2014 Nov 21];42(2):355-62. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a19.pdf>
14. Murassaki ACY, Versa GLGS, Inoue KC, Melo WA de, Matsuda LM. Stress in intensive care unit nurses and the condition head/not head of a family. *Cienc Cuid Saude* [Internet]. 2011 [cited 2014 Nov 21];10(4):755-762. Available from: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=23505&indexSearch=ID>
15. Spindola T, Santos RS. Woman and work - the history of life of nursing professionals who

are also mothers. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 2003 [cited 2015 Apr 05];11(5):593-600. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v11n5/v11n5a05.pdf>

16. Lima GF, Bianchi ERF. Stress among hospital nurses and the relation with the socio-demographics variables. REME rev min enferm [Internet]. 2010 Apr/June [cited 2015 Apr 15];14(2): 210-8. Available from:

<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=19539&indexSearch=ID>

17. Stacciarini JMR, Tróccoli BT. The stress in nursing profession. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 2001 Mar [cited 2015 Apr 15];9(2):17-25. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n2/11510.pdf>

18. Santos TCMM dos, Faria AL de, Barbosa GES, Almeida PAT de, Carvalho P. Intensive unit care: stressing factors in the nursing staff perception. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2011 Jan/Feb [cited 2015 Apr 22];5(1):20-7. Available from:

<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/1158/pdf/272>

19. Montanholi LL, Tavares DMS, Oliveira GR de. Stress: risk factors on hospital nurse's work. Rev Bras Enferm [Internet]. 2006 Sept/Oct [cited 2015 Apr 22];59(5):661-5. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n5/v59n5a13.pdf>

20. Batista KM, Bianchi ERF. Stress among emergency unit nurses. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 2006 July/Aug [cited 2015 Apr 22];14(4):534-9. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n4/v14n4a10.pdf>

Submissão: 02/10/2015

Aceito: 28/03/2016

Publicado: 01/05/2016

Correspondência

Angélica Maria de Oliveira Almeida

Rua Gravito, 2232

Bairro José de Alencar

CEP 60830-632 – Fortaleza (CE), Brasil

Português/Inglês

Rev enferm UFPE on line., Recife, 10(5):1663-71, maio., 2016